

A VIDA DE UM RIO MORTO: O ENGAJAMENTO LITERÁRIO NO POEMA ÉPICO DE CARLOS NEJAR

Ivone da Silva Rebello¹, Eliana da Cunha Lopes²

1. Professora Doutora – Secretaria Estadual de Educação e Cultura do RJ

2. Professora Mestra – Faculdade Gama e Souza – FGS/RJ

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra poética *A vida de um rio morto: monumento ao Rio Doce*, de Carlos Nejar, escrita no início de 2016, sob a perspectiva da *literatura engajada*.

Em nosso estudo, tomamos o conceito de *engajamento literário* na visão do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre: *...o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras...* (2004:29), e do crítico francês Benoît Denis: *o escritor engajado deseja fazer aparecer o seu engajamento na literatura mesmo; ...deseja fazer de modo que a literatura... seja parte integrante do debate sócio-político* (2002:22).

Nejar, em seu longo poema épico, escrito em dísticos, exalta o Rio Doce desde o seu período áureo até a sua morte agonizante ao ser coberto por lama. O poeta dialoga com o rio e, nesse diálogo, faz uma reflexão sócio-política do caos que envolveu cidades mineiras. O engajamento, portanto, pressupõe uma reflexão do escritor entre a literatura e a política com a sociedade em geral.

Palavras-chave: Literatura Engajada; Poesia; Rio Doce.

Introdução:

O conceito de *literatura engajada* tem sido muito discutido no meio acadêmico, literário e filosófico, pois muito se questiona se a literatura deva trazer à tona reflexões sobre temas sociais. Segundo Sartre, *a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele* (2004:21). Além disso - no dizer de Sartre - *O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana* (2004:20-21). Deste modo, o escritor engajado tenta desvendar a realidade social despertando ou esclarecendo a consciência do leitor.

Sendo assim, em relação à noção de *literatura engajada*, esta apresenta dois

sentidos: o primeiro considera a literatura engajada como *um fenômeno historicamente situado* (associado à figura de Sartre no momento do pós-guerra) e *uma literatura passionadamente ocupada com questões políticas e sociais*; e o segundo volta-se para uma *leitura mais ampla e flexível* do engajamento, sendo esta defendida por Hugo, Voltaire dentre outros. É no primeiro sentido que o nosso engajamento está pautado, ou seja, no engajamento político-social.

O poema de Nejar, ao mesmo tempo em que faz uma exaltação ao Rio Doce, denuncia a tragédia ocorrida em Mariana (*Ó Mariana, o que cala/ No terror, de horda em horda?/ A lama subindo as calhas!*) e, ainda, destaca uma alegoria sobre o Brasil. O próprio poeta afirma: *Nós estamos nos matando ao matar o rio. O barro que descrevo no livro é o barro que invade a economia, que come ministros, a inflação que invade todos os povos. O Rio Doce é o Brasil*. A visão sócio-política presente no poema de Nejar é o anúncio de dar voz ao povo e evidenciar a realidade vivida em meio ao grande desastre ecológico: *E o rio de lama se cobre,/ Desde a cintura ao pescoço*; *Não, rio, porque te mataram/ E que continuas morto?* Cabe, aqui, então, o questionamento de Sartre: *que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento?* (2004:20) E a resposta para essa questão se apresenta de forma clara quando o próprio poeta enfatiza: *Quis fazer um monumento ao rio, como os romanos e os gregos faziam aos seus heróis. [...]*

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar o poema épico *A vida de um rio morto: monumento ao Rio Doce* sob a ótica teórica da *literatura engajada* de Sartre.

Metodologia:

Este trabalho foi desenvolvido em três partes, a fim de melhor refletirmos sobre o poema de Nejar, em análise, que traz à tona reflexões sobre um problema sócio-político: a morte do Rio Doce - *Eu fui chamado Rio Doce/ E conto: virei defunto*. Inicialmente,

realizamos uma reflexão teórica sobre o <i>engajamento na poesia</i>, com o objetivo de elucidar a problemática e as relações entre literatura, política e sociedade. Em seguida, fizemos um estudo sobre o escritor Carlos Nejar e sua obra <i>épico-engajada</i>, tomando por base os textos <i>Que é a literatura?</i>, de Jean-Paul Sartre e <i>Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre</i>, de Benoît Denis; e, para concluir, apresentamos as ideias oriundas do estudo em questão. O <i>corpus</i> do nosso trabalho foi constituído pela obra poética <i>A vida de um rio morto: monumento ao Rio Doce</i>, de Carlos Nejar, no qual o escritor, em tom de denúncia, critica a mineradora Samarco por seu crime, ao relatar o grande desastre ecológico em Mariana, MG.

O estudo desenvolvido não pretendeu, em nenhum momento, chegar à exaustividade na análise, pois privilegiamos alguns aspectos inerentes ao fenômeno do engajamento literário, os quais se coadunavam perfeitamente ao poema analisado. Segundo Denis, <i>O escritor engajado renuncia, portanto, a apostar na posteridade e escolhe absolutamente responder às exigências do tempo presente</i> (2002:41). É dentro desse enfoque que Nejar insere o seu poema, assumindo um compromisso com o leitor e a situação social presente.

Para a sustentação teórica à análise do poema, além das duas obras básicas citadas, fez-se uso de dois outros teóricos: Souza (2008) e Moisés (2012).

Resultados e Discussão:

Em nossa análise, observamos que o poeta percebe que, através da sensibilidade estética, no caso, o poema, este pode transformar-se num instrumento de denúncia social que leve o leitor a refletir e pensar sobre os problemas que envolvem a sociedade. Há, portanto, um compromisso do escritor com o leitor e a sociedade -<i>Rio, não morri mais/ Que os ribeirinhos nas casas</i>.

Segundo Sartre, <i>engajado na mesma aventura que seus leitores e situado, como eles, numa coletividade sem divisões, o escritor, ao falar deles, falaria de si mesmo e, ao falar de si mesmo, falaria deles</i> (2004:118). E, Nejar, através da sua escrita, apresenta um comprometimento que leve a uma mudança social.

Conclusões:

Ao abordarmos sobre o engajamento literário no poema <i>A vida de um rio morto</i>, estamos afirmando que Nejar é um escritor engajado, é alguém que <i>quando

fala, ele atira</i> (2004:21).

Assim, falar de uma literatura engajada é evocar uma escrita com teor social, é travar um duelo entre a estética e o realismo sócio-político. Sobre sua estética literária, o escritor afirma:<i> [...] Somos ligados à realidade que em nós explode e ao mesmo tempo em que nos define. [...] O engajamento verdadeiro e mais forte não é com ideologias que vão e vêm. É com a vida que permanece</i> (2001).

Referências bibliográficas

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GUIMARÃES, Frederico Moreira. **Literatura e engajamento em Sartre: um estudo de *Que é a literatura?*** Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

NEJAR, Carlos. **A vida de um rio morto: monumento ao rio Doce**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

Ponto e Vírgula (RS), n.40 jan. 2001.

Disponível em:

<http://www.tirodeletra.com.br/politica/CarlosNejar.htm>. Acesso em: 2 março 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. I. **Situation**, II. Paris: Gallimard, 1948.

SOARES, Angélica (org.) et. al. **Ecologia e literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a Literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz**. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio de cultura; 36)